

ANTRO  
PO  
LOGIA  
Portuguesa

Vol. 3.º 1985

Instituto de Antropologia — Universidade de Coimbra

## Antropo-ecologia da região alentejana: sobre o comportamento humano enquanto determinante principal do processo de desertificação

J. A. DAVID DE MORAIS

Departamento de Ecologia  
Universidade de Évora

### **Resumo:**

Ao longo de 7 anos de ensino da disciplina de Ecologia Humana na Universidade de Évora, o autor tem procurado sensibilizar os seus discentes para a crescente degradação do ambiente em Portugal, designadamente no que concerne ao meio rural.

Entre os vários estudos realizados no âmbito daquela disciplina, o autor vota a sua especial atenção para a problemática da desertificação que, na região alentejana, reveste já particular acuidade.

A par dos diversos factores predisponentes e condicionantes do processo de desertificação em curso, o comportamento do homem em relação ao meio assume ali uma primordial relevância. Assim, nesta comunicação o autor analisa as motivações que têm determinado diversas formas de comportamento do homem alentejano em relação ao meio.

Finalmente, é feita a abordagem interpretativa, com base no contributo que, modernamente, a Psicologia faculta ao processo analítico da Cultura.

### *Palavras-chave:*

Antropo-Ecologia; Antropologia Psicanalítica; Complementarismo; Matriz cultural; Desertificação; Relação homem/meio; Alentejo.

### **Summary:**

Through a period of 7 years teaching course of Human Ecology at the University of Évora, the author has been emphasizing to his students the increasing negative environmental impact in Portugal, mainly in rural areas.

Among the various studies oriented in the line of that course the author dedicates his special attention to the problems of the desertification of Alentejo region.

Besides the stimulative and conditioning factors of such process of desertification, man's behaviour towards the environment plays a significant role. In this paper the motivations that support and base the different forms of behaviour of the Alentejo people towards their environment are analysed.

Finally in order to explain the analytical process of Culture an interpretative approach based on modern Psychology is attempted.

*Key-words:*

Anthropo-Ecology; Psychoanalytical Anthropology; Complementarism; Cultural matrix; Desertification; Relation man/environment; Alentejo.

«Nós não herdamos a terra dos nossos pais, tomamo-la emprestada aos nossos filhos.»

In *World Conservation Strategy*, 1980

## 1 — INTRODUÇÃO

«A maior parte da Península faz parte, todavia, da Hispânia «seca» (...), onde a cobertura natural desapareceu em larga escala nos nossos dias, substituída, em zonas favoráveis, por trigo, vinha e oliveira, e, noutros sítios, por áreas desérticas cobertas de mato ou de paisagens lunares em que a erosão do solo é quase completa.»

SAVORY, 1974, p. 18

Tendo o primeiro dia de comunicações do colóquio «Investigação e Ensino da Antropologia em Portugal» sido dedicado, fundamentalmente, a questões relacionadas com o ensino, afigura-se-nos que esta nossa comunicação poderá estabelecer uma «ponte» para a problemática da investigação, cuja abordagem hoje se inicia.

Sendo nós, desde há 7 anos, o docente responsável pelo ensino da Ecologia Humana (curso de Sociologia e ramo de Extensão Rural dos cursos de Engenharia Agrícola e Engenharia Zootécnica) da Universidade de Évora, procurámos, *ab initio*, imprimir um cariz regionalista <sup>(1)</sup> à abordagem que fazemos sobre a degradação do meio em Portugal. Assim, aquando da nossa chegada ao Alentejo, iniciámos contactos com algumas das pessoas que nos foram indicadas como «grandes conhecedoras» da região alentejana. Depois, partimos para o universo rurícola, dando início às nossas investigações e ao conhecimento directo da problemática do Alentejo, quer no que respeita ao meio quer no que respeita às gentes <sup>(2)</sup>. Finalmente, cotejámos a nossa vivência local com as visões que nos

tinham sido dadas sobre o homem e o meio transtaganos, tornando-se-nos evidente a inclusão da maioria dos «grands connaisseurs» da região em dois grupos:

- os que nos falavam de um Alentejo que já não existe: eram os «saudosistas»;
- os que nos falavam de um Alentejo que nunca existiu: eram os «idealistas».

Ora, temos por hábito alertar os nossos discentes para a necessidade de um posicionamento realista. Todavia, a apreensão da realidade só é possível em Antropo-Ecologia quando se abandona o concheço dos gabinetes e se parte para o meio rural — despidos de ideias pré-(de)formadas e de apriorísticos posicionamentos científico-ideológicos —, mergulhando na vivência directa do quotidiano. Daí que lancemos sempre aos nossos alunos um repto: que apreendam a realidade por si mesmos e que se não fiquem, apenas, pela leitura que nós próprios fazemos dos factos.

No Alentejo, entre as momentosas questões de degradação do meio, a problemática da desertificação assume particular acuidade, motivo porque nos propusemos investigar esta premente questão. Enquanto à nossa abordagem metodológica, importará, desde já, dizer da nossa total e absoluta recusa em aceitar tentativas reducionistas do saber a um qualquer campo da ciência — mesmo que tais tentativas nos sejam servidas sob a capa de exímios malabarismos do verbo. Colocamo-nos, pois, na posição complementarista da moderna Antropologia Psicanalítica, encarnada por DEVEREUX (1972) <sup>(3)</sup>. Assim, a nossa abordagem sobre a desertificação no Alentejo far-se-á segundo três vectores diferentes: ecológico, antropológico e psicanalítico.

## 2 — SOBRE O PROCESSO DE DESERTIFICAÇÃO EM CURSO

*«Notre terre est demeurée, par rapport à celle d'alors, comme le squelette d'un corps décharné par la maladie. Les parties grasses et molles ont coulé tout autour, et il ne reste plus que la carcasse nue de la région.»*

PLATÃO, Critias, III

Contrariamente ao que muitas pessoas pouco informadas pretendem saber, a aptidão agrícola dos solos alentejanos — aliás, dos solos mediterrânicos mais ou menos em geral <sup>(4)</sup> — é, por via de regra, fraca e o seu equilíbrio ecológico delicado. No Alentejo, tão-só os chamados «barros» possuem capacidade para

uma exploração do solo baseada em culturas cerealíferas sem grande perigo de degradação <sup>(5)</sup> — esta era, aliás, uma constatação a que os próprios romanos já haviam chegado, o que é bem evidenciado pelo tipo de ocupação agrícola que praticaram na região transtagana.

Se bem que ao longo dos séculos os sucessivos habitantes da região tenham adoptado formas de exploração que minimizavam os impactos de degradação do meio — privilegiando o equilíbrio diversificado, baseado no tríade agro-silvo-pastoril —, todavia, a partir do início do século, primeiro lenta, mas depois aceleradamente, foram-se utilizando processos explorativos do solo cada vez mais agressivos e depauperantes <sup>(6)</sup>.

Numa sucinta enumeração das principais causas de degradação do meio alentejano, não poderemos deixar de referir <sup>(7)</sup>:

a) Arroteamento intensivo de maninhos <sup>(8)</sup>, com particular relevância para o final do século passado <sup>(9)</sup>.

b) Desflorestamento progressivo, atingindo, em especial, formações extensas de montado que representavam, em muitos casos, a forma mais rentável de aproveitamento de solos de fraca aptidão agrícola <sup>(10)</sup>: outrora, derrubar a machado uma azinheira ou um sobreiro implicava horas de penoso trabalho; hoje em dia, uma moto-serra ou a *bulldozer* <sup>(11)</sup> de um tractor fazem-no em escassos minutos <sup>(12)</sup>!

c) Acentuação da monocultura cerealífera <sup>(13)</sup>, em detrimento da diversificação de culturas («mosaico agrícola») <sup>(14)</sup>. De acordo com a análise de sistemas, segundo o princípio dominância/diversidade (SILVA, 1974; MORAIS 1984, p. 65-69), só os (eco)sistemas diversificados ou maduros são perenes e auto-reguláveis, enquanto os sistemas monótonos ou imaturos (de que a monocultura é o protótipo) são extremamente vulneráveis, tornando-se facilmente «parasitáveis» (quer ecológica quer economicamente falando) <sup>(15)</sup>. Será, ainda, necessário lembrar a tristemente famosa «fome da batata» que, no final do século passado, vitimou mais de um milhão de irlandeses?!

d) Cultivo de arvenses em solos que, de acordo com a classificação da sua aptidão agrícola, nunca deveriam sofrer mobilizações generalizadas do solo ou que, a efectuarem-se, tais culturas implicariam a necessidade de recurso a técnicas especiais de defesa e conservação de solos <sup>(16)</sup>.

e) Utilização preferencial de culturas altamente esgotantes (cereais) <sup>(17)</sup>, em detrimento de culturas pouco esgotantes ou mesmo melhoradoras do solo (leguminosas).

f) Recurso, *in extremis*, ao cultivo de terrenos excessivamente declivosos para culturas anuais, quando a sua utilização deveria restringir-se a culturas permanentes (vinha, pomar, etc.) ou à florestação.

g) Prática de queima de retolhos, com conseqüente destruição da já escassa matéria orgânica <sup>(18)</sup>.

h) Utilização abusiva de adubações, conducente à destruição da «vida dos solos» <sup>(19)</sup> e subseqüente erosionamento <sup>(20)</sup>.

i) Recurso crescente ao uso de «herbicidas» — biocidas! —, (a presença de aviões e helicópteros, efectuando pulverizações, tornou-se já habitual no meio rústico alentejano), com efeitos directos e indirectos manifestos, quer sobre o solo quer sobre as biocenoses (21).

j) Exposição das linhas de água à acção erosiva das chuvas torrenciais, pela destruição da vegetação protectora (silvas, loendros, freixos, choupos, etc.) e seu subsequente revinamento.

l) Sobrepastoreio, por ovelhos e/ou cabras, para além da capacidade de auto-regeneração dos pastos, em especial em certas serras, mas muito particularmente a nordeste da cadeia montanhosa algarvia.

m) Florestamento intensivo, com base em espécies antropocóricas degradantes do solo (v. g. o eucalipto) ou em espécies extremamente vulneráveis ao fogo, em especial aquando das elevadas temperaturas de Verão (v. g. as resinosas) (22), em detrimento de formações fitossociológicas indígenas (montado) ou mesmo de espécies alienígenas de interesse já comprovado em regiões ecológicamente semelhantes (v. g. as acácias).

Como consequência do exposto e da incúria dos serviços oficiais responsáveis (23), a quem incumbe (incumbiria) a defesa e conservação dos solos (24)(25), surgiu uma notória e preocupante degradação do meio, em que é bem patente a erosão acelerada dos campos (não só na sua expressão apenas detectável pelo olho do especialista — a erosão laminar —, mas sim já nas suas expressões mais gritantes — a erosão em sulcos e em ravinas) (26), e em que, no contexto globalizante do ambiente (27) (que não só dos solos), se instalou, inexoravelmente, o processo galopante da desertificação.

Podemos dizer que a história ecológica da degradação do meio (28) no Alentejo ganhou particular expressão desde há pouco menos de um século a esta parte, apresentando, resumidamente, três grandes fases de impacto:

a) Implementação das medidas respeitantes à chamada «lei da fome» de 1899, promulgada pelo ministro Elvino de Brito: «arroteou-se muita terra que jamais devia deixar de ter matas ou culturas arbóreas e arbustivas, incapaz como é de culturas arvenses; queimou-se pelo fogo, pelos amanhos e pelos adubos quanto húmus tinha o solo; exauriu-se a mocidade da terra numa rapidez única e desastrosa. Não foi só o que se deixou de produzir (...): foi também o que se empobreceu o solo (...). Hoje temos somente uma terra esterelizada» (CAMPOS, Ezequiel de, 1913).

b) Relanceamento, a partir de 1929, da «campanha nacional do trigo»: «*en obéissance à un programme politique, sans avoir aucune idée des principes ou des lois de l'Ecologie, on a défriché des milliers et des milliers d'hectares pour avoir, peu de temps après, la production de blé par hectare la plus basse de l'Europe, pour perdre des milliers et des milliers de tonnes de sol, pour augmenter et rendre plus graves les problèmes de l'érosion (...). Grâce aux «merveilles» d'une «campagne du blé» et à la méconnaissance de l'Ecologie pour*



*la part des responsables, le pays est encore déficitaire en blé mais il est devenu «excédentaire» en érosion»* (MALATO-BELIZ, 1976).

c) E, finalmente, quando se supunha existirem condições para uma reconversão da agricultura alentejana — baseada numa racional exploração dos solos segundo a sua aptidão agrícola e na diversificação agro-silvo-pastoril —, eis que se assistiu, na última década, à re-edição e agravamento dos erros das políticas agrícolas precedentes: aumento, a qualquer preço, das áreas cerealíferas cultivadas (<sup>29</sup>), obviamente por recurso à utilização de terrenos de aptidão agrícola marginal.

A asserção sobre «o arroteamento de terras de menor qualidade cuja baixa produtividade natural só podia ser compensada com doses maciças de adubos» (CABRAL, 1974, p. 98), deverá, efectivamente, tornar-se extensiva a qualquer dos três grandes períodos que acima balizámos. Obviamente que as motivações de cada um daqueles períodos pró-tritícolas terão sido diferentes, mas, de um ponto de vista estritamente ecológico (!!), todos, sem excepção, foram degradantes do meio, em crescendo, de acordo com os instrumentos actuantes postos à disposição do homem: ao machado, seguiu-se o *bulldozer*; ao guano, os adubos químicos; à monda manual, os herbicidas, etc.

Em verdade, ao tempo incumbirá conferir aos factos e aos «salvadores da pátria» (ou das regiões) as suas verdadeiras dimensões. Contudo, se para o historiador apenas o tempo virá, sem dúvida, depurar (por atenuação da componente afectivo-ideológica), a veracidade dos acontecimentos, para o ecologista, porém, a leitura directa das agressões infligidas aos ecossistemas alentejanos é já por demais evidente para que se aceite pactuar com quaisquer mistificações, ainda que enroupadas de atraentes legendas humanísticas ou ideológicas.

Porque, no caso vertente, nem sequer será necessário exumar o «cadáver» para a efectivação de quaisquer exames periciais: os ossos (as rochas nuas) da vítima (o meio) estão bem expostos ao perscrutar do técnico ou do cidadão descomprometidos!

### 3 — SOBRE O COMPORTAMENTO HUMANO À LUZ DO ENFOQUE ANTROPO-PSICANALÍTICO

*«Les éléments éliminés du comportement actuel reparassent inévitablement durant l'«expansion en profondeur» des éléments retenus.»*

DEVEREUX, 1977, p. 86 (o sublinhado é do próprio Devereux)

Para além dos vários factores naturais predisponentes da degradação e exaustão dos nossos solos (factores climáticos, pedológicos, fito-geográficos, ecológicos, etc.), o comportamento do homem em relação ao meio aparece-nos

aqui, insofismavelmente, como a componente prínceps do processo de desertificação em curso na metade xero-mediterrânica do país.

Exposto o problema, até aqui, em bases Antropo-Ecológicas, a análise das motivações do comportamento humano remete-nos, agora, para os domínios da Antropologia Psicanalítica (RÓHEIM, 1967. DEVEREUX, 1972, 1977).

Como dito, colocamo-nos sempre na perspectiva complementarista de DEVEREUX (1972), e, assim, o estudo das razões últimas das motivações do comportamento humano implicam, dadas as suas dimensões subjectivas, o recurso a uma metodologia própria, isto é, psicanalítica.

Neste passo seguiremos DEVEREUX (1977) quando, na sequência do acto criador de FREUD<sup>(30)</sup>, e trabalhando os conceitos de ambivalência e de conteúdos manifesto e latente do sonho, nos conduz ao estudo das relações entre itens e matrizes culturais.

Para evitar descrições longas, tentaremos sintetizar o essencial daquelas relações com dois exemplos. O primeiro exemplo, fomos buscá-lo ao próprio DEVEREUX (1977): o item cão e as matrizes culturais que lhe estão subjacentes. Suponhamos que um qualquer antropólogo, preferentemente estranho à cultura europeia, efectuava um estudo respeitante ao comportamento dos europeus para com os cães. Como consequência da sua observação de comportamentos manifestos, acabaria por concluir que os europeus guardam uma atitude «positiva» para com aqueles animais. Com efeito, o cão deixou, em muitos casos, de ser um animal extra-domiciliário para se tornar num animal intra-domiciliário («o melhor amigo do homem»); não poucas famílias privam-se de certos bens «para que não falte nada ao seu lúlú»; outrossim, são capazes de regatear, por exemplo, 500\$00 pelos honorários de uma consulta, para si, paga aos seu médico assistente, mas satisfazem, com uma certa alegria exibicionista, o pagamento ao veterinário de 1000\$00 ou 2000\$00 pela observação do seu cão; como se sabe, na Europa existem clínicas (!) para cães; na Inglaterra, por exemplo, existem clubes para cães de elite e sessões cinematográficas para cães aristocráticos, etc., etc., etc. Aliás, para muitos indivíduos o cão tornou-se mesmo num substituto afectivo, daí que certas correntes de veterinários façam a apologia da «zooterapia» (FERREIRA, 1981).

Estamos, pois, face ao que se designa por matriz cultural primária, isto é, o aspecto comportamental objectivo e evidente, e que é conotável com o conteúdo manifesto da elaboração onírica. Existem, contudo, aspectos subjectivos do comportamento, conotáveis com o conteúdo latente, e que remetem para a matriz cultural secundária. No exemplo citado, se explorarmos, *v. g.*, alguns aspectos da linguagem corrente no ocidente, poderemos pôr de manifesto a matriz cultural secundária com que se relaciona o item cão. Assim, bastará atentar nas expressões: «vida de cão», «filho de um cão», «rafeito ordinário», «porta-se que nem uma cadela», etc.

Temos, pois, que a sociedade europeia privilegiou as atitudes «positivas» no seu relacionamento com o seu «fiel amigo» e recalcou às atitudes agressivas



relativamente ao mesmo. Algo de idêntico se passava, aliás, entre os aborígenes australianos que, em situações de fome extrema, comiam os filhos e conservavam os seus cães dingo! (RÓHEIM, 1967, p. 96-97).

Ora, o moderno antro-po-psicanalista poderia, desde logo, suspeitar da existência, entre os europeus, de atitudes agressivas recalçadas em relação ao cão se se lembrasse que, por exemplo, nas sociedades árabes existe uma verdadeira fobia contra os cães (LAPLANTINE, 1978). Aqui, a matriz cultural primária, no que concerne aos cães, é a da agressividade, enquanto a estima pelos cães se situa no domínio da matriz cultural secundária — afinal, exactamente o inverso (conotação para uma ambivalência) do que se observa na Europa.

O segundo exemplo de que nos socorremos, retirámo-lo dos nossos estudos sobre cultura judaica, e parece-nos particularmente elucidativo: se, cerca dos anos 40, se investigasse o comportamento dos judeus em relação com a agressividade, concluir-se-ia, à luz do enfoque da Antropologia «clássica», que se tratava de um povo pacífico, isento de atitudes de hostilidade. Poder-se-ia mesmo concluir, de acordo com a boa (má) tradição do «culturalismo» americano, tratar-se de um povo que caminhava pacífica e conformadamente para o holocausto. Todavia, já não nos encontramos na década de 40, mas sim na de 80, e, como tal, é bem patente agora, no domínio comportamental, a carga de agressividade manifestada pelos judeus israelitas.

Até meio do presente século, a passividade constituía a matriz cultural primária judaica. Todavia, se, então, se efectuasse um estudo sobre a óptica da Antropologia Psicanalítica, teria sido possível descortinar formas de agressividade latentes no comportamento dos judeus. Por exemplo: o próprio Freud, um pacifista confesso, elegera como seu modelo máximo um herói bélico, Napoleão Bonaparte; as instituições familiares e religiosas judaicas relatavam, constantemente, como modelos a reter, os feitos dos seus heróis lendários, etc. Com isto queremos significar que a agressividade existia na vertente idiosincrásica do espírito judeu, mas que havia sido recalçada na vertente cultural, até porque tal comportamento se impunha como medida imprescindível à sobrevivência daquele povo<sup>(31)</sup>. Contudo, subjectivamente, nas cinzas do «inconsciente colectivo» o fogo da agressividade e da revolta nunca se extinguiu!

Com o início das hostilidades entre judeus e árabes, a matriz cultural secundária (agressividade) emergiu, passando à situação de matriz primária, enquanto a antiga matriz cultural primária (pacifismo) foi recalçada para a condição de matriz secundária.

Estas atitudes comportamentais, que oscilam de um polo ao outro, guardam, obviamente, relação com as elaborações da ambivalência elucidadas por Freud, e inscrevem-se, inexoravelmente, nos domínios do nosso psiquismo e da nossa cultura (amor e ódio, sagrado e profano, alegria e tristeza, branco e preto, Deus e diabo, etc.), do nosso património genético (macho e fêmea) e, talvez mesmo, na «ordem» cósmica como é por nós percebida (dia e noite).

Permitimo-nos, se bem que de passagem, tecer ainda que um breve comentário sobre as «manipulações» e «condicionamentos» culturais. Um qualquer comportamento humano, por exemplo, a posição religiosa (ou agnóstica) face ao «desconhecido», pode ser estimulado (ou recalçado) por formas subtis <sup>(32)</sup> ou por formas violentas <sup>(33)</sup>. A primeira modalidade liga-se, em geral, mais ao domínio da cultura, enquanto sistema informante e enformante de comportamentos a observar pelos membros da comunidade (a família e certas instituições seriam, pois, neste contexto, os principais modeladores da conduta grupal). A segunda modalidade (modelação violenta) encontra o seu instrumento executante preferencial em particular na repressão político-ideológica, tendo assumido, no decurso do nosso século, sob as mais variadas capas, dimensões deveras assustadoras: com efeito, capítulos inteiros da cultura de certos povos têm sido reprimidos (recalcados) face à brutal força dominante.

Afigura-se-nos, pois, que a deontologia do antropólogo, de qualquer latitude, lhe deve impor o indispensável distanciamento ideológico, por forma a poder aperceber-se das possíveis manipulações a que têm sido submetidos certos sectores da cultura ou certas culturas inteiras.

Concluindo: no que respeita às relações entre itens e matrizes culturais, tudo se passaria como se os antropólogos «tradicionalistas» nos descrevessem, tão-só, a ponta visível do *iceberg* (contra a descrição, apenas, desta «meia verdade» se consubstancia, afinal, uma das modernas posições de crítica ao «culturalismo» americano) <sup>(34)</sup>, quando, por recurso a metodologia específica, — a da Antropologia Psicanalítica —, se torna possível apercebermo-nos, também, da face oculta do *iceberg*, que o mesmo é dizer dos comportamentos recalçados. Ora, numa moderna (re)definição de cultura, importará enfatizar não só os aspectos comportamentais actualizados e objectivos (os mais facilmente discerníveis) das comunidades em estudo, mas, outrossim, os aspectos recalçados e subjectivos do comportamento, os quais — e aqui reside a grande importância desta abordagem metodológica — podem, contudo, passar, em certas circunstâncias, para a situação de comportamentos actualizados. Ou ainda, por outras palavras: a matriz cultural primária passaria, em tais casos, por «imersão» ou recalçamento, a matriz cultural secundária, enquanto a matriz cultural secundária passaria, por «emersão» ou estímulo (motivação), à situação de matriz cultural primária.

Estariamos, afinal, face ao jogo desde há muito elucidado pela Psicanálise entre o consciente e o inconsciente, balizado pela bipolaridade da ambivalência <sup>(35)</sup>.

#### 4 — SOBRE A NECESSIDADE DE MUDANÇA DE COMPORTAMENTOS (E DE MENTALIDADES)

«Já nos *Costumes e Foros de Alfaiates*, que datam do reinado de D. Sancho I (1188-1230), se estabelecia a multa de dez morabitanos a *totus homo qui rancare aut taiare arborem* e se previam penalidades draconianas, com a clara sobriedade das leis medievais, aos que danificassem pinheiros: *qui pino taiare inforquen lo.*»

NATIVIDADE, 1950, p. 335

Voltando, agora, de novo à problemática do processo de desertificação no Alentejo. Para além das formas facilmente objectiváveis do comportamento agressivo do homem alentejano para com o meio (matriz cultural primária), foi-nos possível detectar ali atitudes reveladoras de comportamentos «conservadores», ecologicamente falando (conotação à matriz cultural secundária), e que documentámos, amplamente, na comunicação que efectuámos, tais como: a conservação de velhas árvores cuja exploração já não é economicamente rentável, mas que se não derrubam porque remetem, na esfera afectiva, para as gerações passadas (a «presença» da ancestralidade); a existência de árvores «enfermas» às quais se prodigalizam cuidados «terapêuticos» como que decalcados dos cuidados que se dispensam aos doentes da comunidade; a conservação, por incorporação em muros e habitações, de árvores que estariam, *ab initio*, puramente condenadas por novas edificações; a construção de verdadeiras defesas contra a erosão, em pedra solta, em zonas de maior risco de erosionamento, etc., etc. Aliás, só o antigo carácter ecológico-conservador das populações alentejanas explica, por exemplo, que ainda hoje existam em Serpa oliveiras multi-seculares, que se diz datarem da fundação da nossa nacionalidade <sup>(36)</sup>.

Temos, pois, como corolário desta nossa análise que os alentejanos apresentavam, até cerca de finais do século passado, uma atitude conservadora do meio como matriz cultural primária <sup>(37)</sup>. Depois, com o fomento da mística do lucro imediatista <sup>(38)</sup>, veiculada por via alóctone, a antiga matriz primária foi recalçada para a situação de matriz secundária, do mesmo passo que a antiga matriz cultural secundária emergiu, assumindo, actualmente, a posição de matriz primária, consubstanciada em atitudes agressivas e degradantes do meio <sup>(39)</sup> <sup>(40)</sup>.

Aliás, impõe-se, facilmente, aos olhos de qualquer observador atento, mesmo sem formação antropecológica, que as comunidades tradicionais procuram integrar-se no meio, respeitando-o e conservando-o, pois sabem que da sua perenidade depende, afinal, a própria sobrevivência do grupo e das gerações futuras. Ao invés, as comunidades tecnocráticas procuram «dominar» o meio, esquecendo, por via de regra, os delicados equilíbrios homeostáticos que regem os ecossistemas, quer naturais quer intervencionados <sup>(41)</sup>.

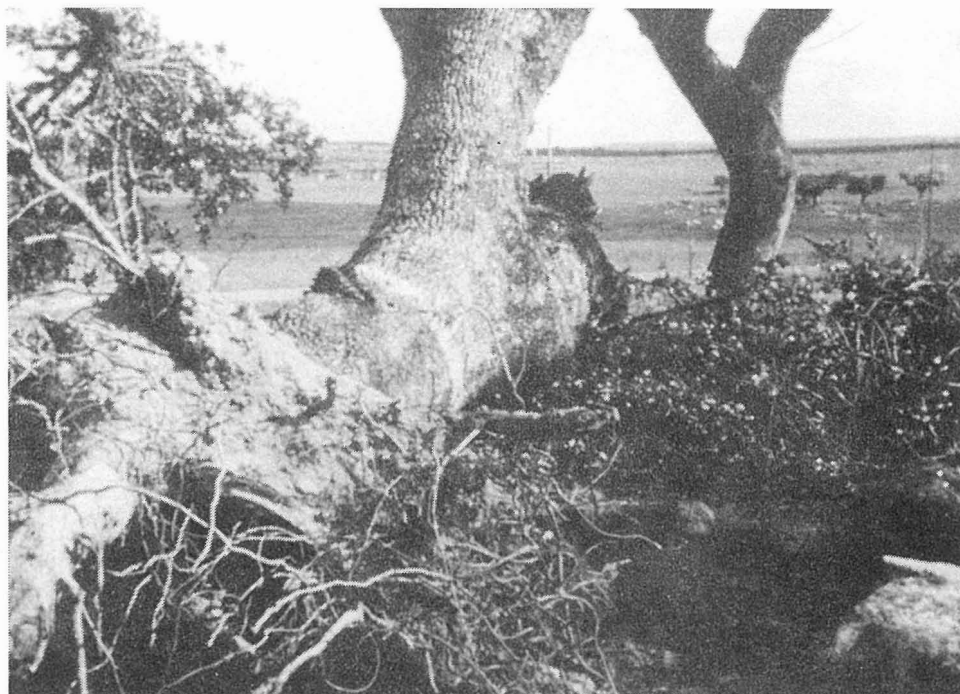
Finalmente, não queremos terminar esta comunicação de uma forma pessimista, antes queremos deixar aqui uma nota de optimismo. É que, neste particular, estamos com Albert Schweitzer: «A minha experiência é pessimista, mas a minha acção e a minha esperança são optimistas»!

Se é bem verdade que o império do lucro imediatista levou os homens, em muitas regiões, *v. g.* no Alentejo <sup>(42)</sup>, para métodos de exploração do ambiente não consentâneos com a conservação desse património colectivo que é o solo <sup>(43)</sup>, sabemos também (e este é já um domínio específico que nos remete para a Antropologia Aplicada) que é hoje possível motivar os indivíduos <sup>(44)</sup>, — os rurícolas, em especial — para a prática, novamente, de atitudes visando a conservação do meio, motivação essa conducente à adopção de «novos» comportamentos, que o mesmo é dizer visando a emergência do recalcado. Aliás, como é sabido, mesmo nos meios citadinos começa já a surgir, muito em particular entre os jovens, uma certa consciência ecológica, que se contrapõe ao «total domínio do homem sobre a natureza» <sup>(45)</sup>. Outrossim, o reflorestamento de vastas zonas degradadas ou desertificadas é já uma realidade em certos países, atestando, pois, que as atitudes humanas positivas, no que concerne ao meio, são susceptíveis de reaparecerem <sup>(46)</sup>.

## A N E X O

## Carta europeia dos solos

- «1. *Le sol est un des biens les plus précieux de l'humanité. Il permet la vie des végétaux, des animaux et de l'homme à la surface de la terre.*
2. *Le sol est une ressource limitée qui se détruit facilement.*
3. *La société industrielle utilise les sols aussi bien à des fins agricoles qu'à des fins industrielles et autres. Toute politique d'aménagement du territoire doit être conçue en fonction des propriétés des sols et des besoins de la société d'aujourd'hui et de demain.*
4. *Les agriculteurs et les forestiers doivent appliquer des méthodes qui préservent des qualités des sols.*
5. *Les sols doivent être protégés contre l'érosion.*
6. *Les sols doivent être protégés contre les pollutions.*
7. *Toute implantation urbaine doit être organisée de façon qu'elle ait les moins possible de répercussions défavorables sur les zones avoisinantes.*
8. *Lors de l'implantation d'ouvrages de génie civil et dès la conception des plans, leurs répercussions sur les terres environnantes doivent être évaluées et les mesures adéquates prévues.*
9. *L'inventaire des ressources en sol est indispensable.*
10. *Un effort accru de recherche scientifique et une collaboration interdisciplinaire sont nécessaires pour assurer l'utilisation rationnelle et la conservation des sols.*
11. *La conservation des sols doit faire l'objet d'un enseignement à tous les niveaux et d'une information publique toujours accrue.*
12. *Les gouvernements et les autorités administratives doivent planifier et gérer rationnellement les ressources en sol.»*



FOTOGRAFIA 1 — As árvores também se abatem!...

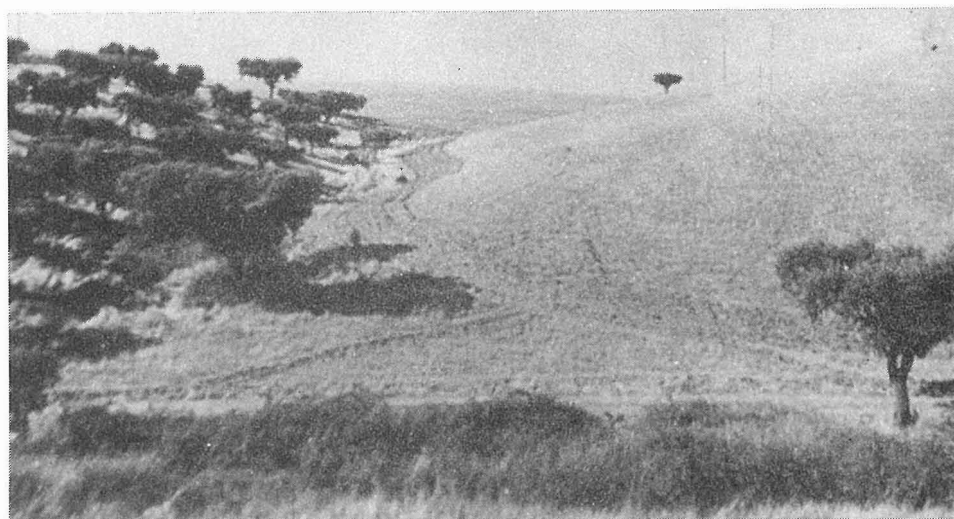


FOTOGRAFIA 2 — Relíquia do que foi, outrora, um imponente montado





FOTOGRAFIA 3 — O «cancro» do solo, a erosão, instala-se, com facilidade, em terrenos incorrectamente explorados



FOTOGRAFIA 4 — Objectivação do recalçamento de comportamentos, ecologicamente, conservadores e da emergência de comportamentos conducentes a impactos negativos sobre o meio. À esquerda, o passado alentejano; à direita, o presente (vidé texto, ponto 4)

## NOTAS AO TEXTO

(1) Regionalizar é universalizar! Sobre este passo, valerá a pena (re)ler Gregorio Marañón em, por exemplo, «*Sobre la universalidad de la aldea*»: «(...) *los pueblecitos de Portugal, universales por ser pueblecitos* (...)» (MARAÑÓN, 1954).

(2) «*Des sages sont venus vers vous pour vous donner de leur sagesse. Je suis venu pour prendre de votre sagesse*» (GIBRAN, 1956, p. 86).

(3) «*Le complémentarisme n'est pas une 'théorie', mais une généralisation méthodologique. Le complémentarisme n'exclut aucune méthode, aucune théorie valables — il les coordonne*» (DEVEREUX, 1972, p. 21).

(4) «*Là (dans la région méditerranéenne), malheureusement, on doit constater que à des causes pareilles ont correspondu des effets encore plus accentués au mauvais sens, ça veut dire, une dégradation plus forte et une plus grande instabilité de l'équilibre écologique entre l'homme et l'environnement*» (MALATO-BELIZ, 1976, p. 271).

(5) Esta omnipresente questão da vida nacional, velha de séculos, entre os que, por um lado, proclamam a fertilidade mítica dos solos do Alentejo («celeiro de Portugal») e os que, por outro lado, mais realisticamente, reconhecem as limitações de fertilidade da terra transtagana, transborda mesmo dos sectores técnicos e políticos para o romance, e nem mesmo a Eça de Queirós («A Ilustre Casa de Ramires», p. 57) terá sido indiferente:

«A Portugal restava toda uma riquíssima província a amanhar, a regar, a lavrar, a semear — o Alentejo!» (defendia João Gouveia, o administrador do concelho).

«O Titó lançou o vozeirão, desdenhando o Alentejo, como uma película de terra de má qualidade, que, fora umas léguas de campos em torno de Beja e de Serpa, por um grão só dava dois, e, apenas esgaravatada, logo mostrava o granito...»

« — Um celeiro!

— Uma charneca!»

Pela nossa parte, figura-se-nos pertinente ceder a palavra a agrónomos dos nossos dias: «Quadro dos solos agrícolas do Alentejo: capacidade de uso (por classes):

— A e B: solos com capacidade de uso boa: 14,94%: 352 032 ha.

— C: solos com capacidade de uso com restrições: 20,15%: 474 723 ha.

— D e E: solos sem capacidade de uso agrícola: 64,91%: 1 529 066 ha.» (SAMPAIO et COSTA, 1974).

(6) «*Les 'formes' de l'ancienne campagne, comme du reste les 'formes' des villes anciennes, sont vidées de toute signification réelle, réduites à des milieux géographiques ou topographiques innocents, où le savoir-faire des générations précédentes est largement surestimé*» (CORAJOU, 1977, p. 315).

(7) Considerando a impossibilidade de reproduzir aqui os sessenta diapositivos que serviram de apoio à nossa exposição e, bem assim, as limitações de páginas impostas pelas normas para publicação das Actas do Congresso, torna-se, *ipso facto*, impossível desenvolver e discutir as causas de degradação do solo que no texto se enumeram. Assim, para uma melhor inteligência dos pontos enumerados, optaremos por transcrever, em Notas ao Texto, pequenas citações sintetizantes da problemática em questão.

(8) «Il est souvent dangereux, en particulier en région aride ou semi-aride, d'éliminer la couverture végétale naturelle» (AGUESSE, 1971, p. 94).

(9) «Fim do século (XIX), época de grandes arroteamentos» (SILBERT, 1978, p. 13).

(10) «Les matières végétales mortes et le tapis de mousse qui recouvrent la terre jouent le rôle d'éponge. Il faut savoir qu'un kilogramme de mousse sèche peut absorber 5 litres d'eau. Un hectare de forêt méditerranéenne retient de la sorte quelque 400 tonnes d'eau après un violent orage. Celle-ci sera en partie évapotranspirée, le reste s'infiltrera lentement et sera peu à peu restitué aux nappes phréatiques tandis que le ruissellement sera nul. À l'opposé, la destruction de la forêt se traduira par une érosion accélérée due à la violence de l'impact des gouttes de pluie sur la terre dénudée et au ruissellement intense» (RAMADE, 1977, p. 248).

(11) «Bondosa», na corruptela alentejana...

(12) «Os pigmeus designam os invasores (da selva) com o apelido depreciativo de «comedores de árvores» (KAKÉ, s/d, p. 25).

(13) «Cet ensemble de circonstances plus ou moins liées entre elles aboutit à cette monstrosité écologique: la monoculture, qu'il faut considérer dans la plupart des cas comme un des fléaux de l'agriculture moderne» (DORST, 1974, p. 241).

(14) «Cúanta literatura — y de la mala — no se habrá hecho sobre el granero de Castilla, el pan candeal, el trigo como 'cereal-rey' y la esencia misma de la vida de Catilla (...)».

«El tópico que más acertadamente combate (Julio Senador, 1915) es el «peligro amarillo», es decir, la idea de que Castilla debe apoyarse en el trigo (...)».

«Hasta los años sesenta de este siglo estuvo Castilla creyendo que la protección del trigo era su mejor base económica, cuando en realidad fue su perdición» (AMANDO DE MIGUEL et MORAL, 1984, p. 70 e 114).

Por momentos perdemos a noção do espaço e julgamos que o Alentejo e Castela são apenas uma única província de um qualquer país imaginário (a «Ibéria», talvez...). Todavia, acordamos brutalmente para a realidade quando consideramos a dimensão tempo: Castela reconheceu e ultrapassou a problemática da monocultura tritícola; o Alentejo, contudo, permanece sacralizado numa esclerose agrícola preocupante!

(15) O colonialismo, por exemplo, usou esta arma para poder beneficiar da utilização dos produtos agrícolas que lhe interessavam: redução dos tradicionais sistemas diversificados à monocultura simples (café, cacau, amendoim, etc.).

(16) Vidé ODUM, 1976, p. 477.

(17) «Cada solo tem um limite máximo de possibilidade de uso, além do qual não poderá ser explorado sem riscos de erosão» (LEPSCH, 1976, p. 147).

(18) «L'humus apparaît ainsi comme le facteur majeur de la conservation des sols» (POCHON et LHÉNAFF 1977, p. 73).

(19) Vidé, por exemplo, LEÓN et ARAMAIO, 1984.

(20) «Hoje pode-se passar um dia inteiro a cavar em Alto sem encontrar um único verme, pois estes morreram devido às enormes doses de fertilizantes químicos» (JENKINS, 1983, p. 127).

*Mutatis mutandis*, o que nos é dito para a Serra de Monchique permanece válido (agravado, pelo baixo teor de matéria orgânica) para o Alentejo, quiçá para grande parte do país.

Obviamente que não são apenas os vermes os atingidos. No que concerne à «vida dos solos», convirá meditar um pouco sobre o papel homeostático e de formação humífera<sup>(18)</sup> da imensa biomassa que um solo são comporta. Biomassa em kg/ha: bactérias: 1000-7000; micro-fungos: 100-1000; algas: 10-300; protozoários: 5-10; artrópodes: 1000; vermes: 350-1000 (AGUESSE, 1971, p. 87).

Lembraremos, apenas, que a agricultura ecologicamente evoluída já enveredou, em muitos casos, pela criação maciça de minhocas, como produtoras de «vermi-composto» e como agentes de digestão de resíduos orgânicos sólidos oriundos das próprias explorações agrícolas e/ou de cidades vizinhas (LEÓN, 1984).

(21) «En détruisant une fraction importante de la micro-flore, les pesticides sont à l'origine de perturbations dans les cycles des éléments nutritifs des sols» (AGUESSE, 1971, p. 97).

«L'action des insecticides sur la microfaune du sol: ceux-ci entraînent sans aucun doute des changements profonds dans l'équilibre des différents éléments biotiques selon leur seuil de sensibilité» (DORST, 1974, p. 293).

(22) «La mono-sylviculture européenne appauvrira les environnements, les rendra uniformes et sans attrait (...). La mono-sylviculture technologico-financière représente pour l'Europe un piège extrêmement dangereux car il sacrifiera la variété de la nature et l'harmonie déjà précaire qui existe entre l'homme et l'environnement aux principes d'un développement technologico-financier nettement anti-écologique» (PAVAN, 1976, p. 371).

Sobre a situação portuguesa, vidé, por exemplo, BARLOY, s/d, pp. 25-39, e JENKINS, 1983.

Um dos aspectos que não parece preocupar os políticos portugueses, reside no facto (fácil de comprovar, v. g. na Serra d'Ossa) de que ao povoamento florestal se segue o despovoamento humano. Assim, teremos para o Alentejo dois desertos: um, em sentido ecológico; outro, em sentido demográfico (vidé GRAÇA DE MORAIS, 1983).

«L'abandon rapide et forcé des équilibres qui se sont instaurés entre l'homme et le milieu agricole provoquera fatalement un drainage ultérieur des populations rurales vers les centres urbains, d'où un enrichissement des réserves en main d'oeuvre au profit des activités les plus diverses mais surtout pour l'industrie. Or l'automation industrielle, qui évolue déjà rapidement, rendra bientôt superflue une grande partie des recrues qui seront alors inexorablement repoussées» (PAVAN, 1976, p. 369).

(23) «The basis for good land use includes a knowledge of the environmental inventory. Without this information it is difficult to address optimum use on a logical basis as there is little concept of what is to be protected or enhanced, which must be understood to determine the best use for undeveloped acreage» (ROSEN, 1976, p. 80).

(24) «(...) De phénomènes d'érosion de plus en plus graves et nombreux. Ici, encore, rares sont les autorités qui sonnent l'alarme, les documents qui cartographient les étendues stérilisées ou appauvries» (HARROY, 1977, p. 242).

(25) «The layman's knowledge of soil is derived from trivial articles in the gardening columns of newspapers and magazines» (WHITE, 1979, p. VII).

(26) «Dans des zones marginales des pays industrialisés, comme le bassin méditerranéen, des morsures d'érosion sont subies et difficilement combattues» (HARROY, 1977, p. 243).

(27) «La mise en culture des biotopes fermés, surtout forestiers, a une répercussion profonde sur les climats locaux qui se trouvent bouleversés, tendant toujours vers l'assèchement» (DORST, 1974, p. 206).

(28) Referimo-nos mais estritamente ao meio agrícola, para não falarmos de certas monstruosidades — ecológicas e sociais —, que constituiram, constituem e, por certo, virão a constituir, em escalada crescente, as explorações mineiras. E, para os amantes do dantesco, haverá apenas que recomendar-se-lhes uma visita às (ex)minas de S. Domingos!...

(29) Caminhos, agora, sobre um terreno profundamente minado e, como tal, potencialmente muito explosivo, em que, à mínima referência ao Alentejo, os «taxinomistas políticos» (trata-se, por certo, de uma velha espécie que, em Portugal, tem encontrado um «nicho ecológico» que lhe é bastante propício!) procuram, de imediato, fazer a catalogação ideológica de quem fala ou escreve.

(30) Será (ainda) necessário lembrar que Freud insistia no facto de a Psicanálise não ser um ramo da Medicina, mas sim um ramo especial da Psicologia?! (BETTELHEIM, 1982). Aliás, deste posicionamento nasceria o livro «A Questão da Análise Leiga» (1926), com o qual pretendia defender a Psicanálise da sua apropriação pelos médicos.

Outrossim, Freud assinalava três domínios de utilização da Psicanálise:

— o estudo e tratamento das perturbações psico-neuróticas: contudo, ele próprio reconhecia limitações importantes ao êxito terapêutico da Psicanálise («Análise Terminável e Interminável», 1937);

— o auto-conhecimento: Freud foi, em muitos aspectos, o seu próprio «laboratório», e vivia obcecado com a divisa inscrita no templo de Apolo, em Delfos: «conhece-te a ti mesmo»;

— o estudo da cultura: foi, aliás, para a vertente antropológica que, na sua fase mais madura, Freud se encaminhou; livros como «Totem e Tabu» (1913), «O Futuro de uma Ilusão» (1927), «O Mal-Estar na Civilização» (1929) e «Moisés e o Monoteísmo» (1938) são disso testemunho insofismável.

(<sup>31</sup>) Entre nós, bastará apenas lembrar o fim trágico do nosso António José da Silva, «o Judeu», para reconhecermos o destino que esperava aqueles que não conseguiam recalcar (calar) por completo a sua crítica e revolta contra a «cultura» dominante.

(<sup>32</sup>) «(...) E por outras maneiras que sabemos

Tão sábias tão *subtís* e tão peritas

Que não podem sequer ser bem descritas»

Sophia de Mello Andresen (in «Pranto pelo dia de hoje»)

(<sup>33</sup>) Uma forma mista existe também, e está presente, por exemplo, no pesadelo orwelliano de «1984», em que à «polícia do pensamento» se conjuga a repressão física pela força bruta.

(<sup>34</sup>) Alguns exemplos destas «meias verdades» são-nos dados por figuras cimeiras do «culturalismo», tais como Malinowski (não existência de analidade entre os melanésios...), Kardiner (não existência de complexo de castração nas ilhas Marquesas...), Mead (não existência de agressividade entre os Arapesh...), Benedict (não existência de complexo de inferioridade entre os japoneses...), etc.

(<sup>35</sup>) Haverá que reconhecer, desde já, que, paralelamente às imensas potencialidades da Antropologia Psicanalítica, se antolham, também, armadilhas extremamente perigosas para este domínio. Um livro, recentemente editado em Portugal, «A Religião Popular Portuguesa» (ESPÍRITO SANTO, s/d), é exemplo deste pecadilho: trata-se de uma recolha etnográfica de um valor realmente excepcional; contudo, a linearidade (psico)interpretativa, por via de regra muito discutível, trai, facilmente, a impreparação do autor em Psicanálise.

(<sup>36</sup>) «Remontam à fundação da nacionalidade os primeiros diplomas relativos à defesa do nosso património florestal, e cuja inspiração deve talvez filiar-se no código visigótico que impunha severas penas aos que incendiassem montados ou danificassem os arvoredos» (NATIVIDADE, 1950, p. 335).

(<sup>37</sup>) «Trechos de montado a perder de vista, afirmam a existência d'uma riqueza que o homem fez, á custa do esforço do seu braço, e não menores extensões de olival, em que ha esmeros de jardinagem, mostram que o alemtejano é um infatigavel trabalhador, amoroso da terra como se ela fosse a sua noiva» (BRITO CAMACHO, 1913).

(<sup>38</sup>) «*L'appât du gain et une sorte de besoin instinctif de modeler la surface de la terre selon sa volonté ont été également de puissants déterminants*» (DORST, 1974, p. 191).

(<sup>39</sup>) «*De tous les écosystèmes forestiers du monde, ceux des régions méditerranéennes figurent parmi les plus dégradés par l'action de l'homme*» (RAMADE, 1977, 113).

(<sup>40</sup>) «No montado, andavam a arrancar azinheiras a maquinismo. Metia pena ver a tortura que sofria uma árvore, verdade é que não durava muito. Chegavam-lhe o tractor, laçavam-lhe um calibre de fio de ferro da charruadeira, e logo que o monstro arfava, a azinheira estremecia, sacudia-se, o chão tremia, empolava-se e gretava à roda, como se houvesse convulsão por baixo. A árvore ia resistindo, agarrada à terra amiga que a não deixava; mas o monstro retesava o cabo, e por fim, rangendo, rompendo raízes e estalando fibras, o maciço tronco vergava, e tudo vinha abaixo com grande fragor no solo (...). Era o progresso!» (RIBEIRO, 1979, p. 74).

(<sup>41</sup>) «*Si la nature présente des effets de feed-back, la technique, elle est incapable d'auto-corrections sur ses résultats*» (CHARBONNEAU et RODES 1977, p. 414).

(<sup>42</sup>) « — As terras novas, que nunca tinham visto semente, davam searas brutas e não era preciso adúbio nem estrume, que a chameca lá deixava tudo. Era semear e colher, como vossemecê sabe, lavrador. Depois é que amargou! Terras fracas, delgadinhas, terra galega no mais, que isto aqui não é como o barro que é terra gorda e se lhe enterra um arado até p'ra riba das aivecas, deram logo em cansar-se, em minguar na semente, e só a poder de guano se tira alguma coisa delas (...).»

« — Vejam vossemecês como é que isto pode ser, fracas como as terras estão e o guano p'la hora do morte! Estoira p'raí tudo com fome» (RIBEIRO, 1979, p. 77, escrito em 1927).

(<sup>43</sup>) «*Le capital naturel le plus précieux est sans aucun doute constitué par le sol*» (DORST, 1974, p. 190).

(<sup>44</sup>) Motivar (e não deve confundir-se com «condicionar»!), é deixar ao «outro» a liberdade de escolha, após esclarecimento detalhado e isento da situação, complementado com a indispensável exemplificação prática (por isso que o técnico não deve ser, apenas, um teórico) devidamente adaptada à realidade local.

(<sup>45</sup>) «*Parvenue à un certain stade, la société technicienne engendre des perturbations qui annulent les avantages*» (CHARBONNEAU et RODES, 1977, p. 409).

(<sup>46</sup>) «*Il y a plus dans les forêts que dans les livres*», São Bernardo (DORST 1974, p. 467).

## BIBLIOGRAFIA CITADA

- AGUESSE P., 1971 — *Clefs pour l'Ecologie*, Paris, Ed. Seghers, 222 p.
- AMANDO DE MIGUEL, MORAL, F., 1984 — *La población castellana*, Valladolid, Ambito, 135 p.
- BARLOY, J.-J. — *Este planeta em que vivemos*, Lisboa, Amigos do Livro, s/d, 8 volumes.
- BETTELHEIM, B., 1982 — *Freud e a alma humana*, São Paulo, Cultrix, 130 p.
- CAMACHO, Brito, 1913 — *In EZEQUIEL DE CAMPOS*, 634 p.
- CABRAL, M. V., 1974 — *Materiais para a história da questão agrária em Portugal — Séc. XIX e XX*, Porto, Inova, 575 p.
- CAMPOS, Ezequiel de, 1913 — *A conservação da riqueza Nacional. A grei, os mineraes, a terra, as matas, os rios*, Porto, edição do autor.
- CHARBONNEAU, J.-P., RODES, M., 1977 — *L'Ecologie Sociale*. In *Encyclopédie de L'Écologie*, Paris, Larousse, 487 p.
- CORAJAUD, M., CORAJAUD, C., 1977 — *La protection des sites et paysages*. In *Encyclopédie de L'Écologie*, Paris, Larousse, 487 p.
- DEVEREUX, G., 1972 — *Ethnopsychanalyse complémentariste*, Paris, Flammarion, 282 p.
- DEVEREUX, G., 1977 — *Essais d'Éthnopsychiatrie Générale*, Paris, Gallimard, 395 p.
- DORST, J., 1974 — *Avant que nature meure*, Neuchâtel (Suisse), Delachaux et Niestlé, 542 p.
- ESPIRITO SANTO, M. — *A religião popular portuguesa*, Lisboa, A Regra do Jogo, s/d, 247 p.
- FERREIRA, L. B., 1981 — *A equinococose-hidatidose e a Saúde Pública*, «Revista Portuguesa de Doenças Infecciosas», 3(4), p. 273-274.
- FREUD, S., 1950 — *Standard Ed*, London, Hogarth Press.
- GIBRAN, K., 1956 — *Le prophète*, Belgique, Casterman, 95 p.
- HARROY, J.-P., 1977 — *La protection de la nature*. In *L'Écologie*, Paris, Encyclopoche Larousse, 256 p.
- JENKINS, R., 1983 — *Morte de uma aldeia portuguesa*, Lisboa, Quercus, 152 p.
- KAKÉ, I. B. — *Onde estão as chuvas de outrora?* In *O Homem e o Deserto*, Lisboa, ITAU, s/d, 47 p.
- LAPLANTINE, F., 1978 — *Etnopsiquiatria*, Lisboa, Vega, 1978, 159 p.
- LÉON, C. J., 1984 — *La lombriz roja*, «Gorosti: Cuadernos de Ciências Naturales de Navarra», 1 (1), p. 36-39.
- LÉON, C. J. et ARAMAIO, R. B., 1984 — *El suelo: un elemento vivo*, «Gorosti: Cuadernos de Ciências Naturales de Navarra», 1 (1), p. 28-35.
- LEPSCH, I. F., 1976 — *Solos. Formação e conservação*, São Paulo, Melhoramentos, 158 p.
- MALATO-BELIZ, J., 1976 — *Relations entre agriculture et conservation de la végétation naturelle dans la région méditerranéenne*. In *Atti del 2.º corso europeo di ecologia applicata nella regione mediterranea*, Roma, Ministero dell'Agricoltura e delle Foreste, 488 p.
- MARAÑÓN, G., 1960 — *Sobre la universalidad de la aldea*. In *Retalhos da vida de um médico*, Lisboa, Arcádia.



- MORAIS, David de, 1984 — *Helminthíases intestinais endémicas na freguesia de Monsaraz (Alto Alentejo). Subsídios para o seu conhecimento epidemiológico*, Lisboa, Infecon, 138 p.
- MORAIS, Graça de, 1983 — *A substituição das gerações em Portugal (1930-75)*, «Análise Social», 19(75), p. 79-99.
- NATIVIDADE, J. V., 1950 — *Subericultura*, Lisboa, Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, 387 p.
- ODUM, E. P., 1976 — *Fundamentos de Ecologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 602 p.
- PAVAN, M., 1976 — *Problèmes de l'érosion du sol. La «Charte Européenne du Sol» du Conseil de l'Europe*. In *Atti del 2.º corso europeo di ecologia applicata nella regione mediterranea*, Roma, Ministero dell'Agricoltura e della Foreste, 488 p.
- PAVAN, M., 1976 — *Projets dangereux d'une nouvelle Sylviculture Européenne Anti-Ecologique*. Idem.
- POCHON, J.; LHÉNAFF, R., 1977 — *Les sols*. In *L'Écologie*, Paris, Encyclopoche Larousse, 256 p.
- QUEIRÓS, Eça de — *A ilustre casa de Ramires*, Lisboa, Ulisseia, s/d, 335 p.
- RAMADE, F., 1977 — *L'agressão humana tradicional*. In *Encyclopédie de l'Écologie*, Paris, Larousse, 487 p.
- RAMADE, F., 1977 — *Ressources et richesses naturelles en péril*. Idem.
- RIBEIRO, M., 1979 — *A planície heróica*, Lisboa, Guimarães Editores, 205 p.
- RÓHEIM, G., 1967 — *Psychanalyse et Anthropologie*, Paris, Gallimard, 602 p.
- ROSEN, S. J., 1976 — *Manual for Environmental Impact Evaluation*, New Jersey, Prentice-Hall, 192 p.
- SAMPAIO, J. A.; COSTA, A. G., 1974 — *Perspectivas da cultura do girassol no sul de Portugal*. In *VI Congresso Internacional do Girassol*, Roménia (policopiado).
- SAVORY, H. N., 1974 — *Espanha e Portugal*, Lisboa, Verbo, 329 p.
- SILBERT, A., 1978 — *História Social e Agrária*, Évora, Universidade de Évora, 51 p.
- SILVA, Vieira da, 1974 — *Ecologie et Developpement*, Paris, Laboratoire d'Ecologie Générale et Appliquée (policopiado).
- WHITE, R. E., 1979 — *Introduction to the Principles and Practice of Soil Science*, London, Blackwell Scientific Publications, 198 p.
- WORLD CONSERVATION STRATEGY, 1980 — *Estratégia Mundial de Conservação*, Lisboa, Serviço de Estudos do Ambiente.